

Faz sorrir o que
tira o relógio só
para nós vermos.
O mesmo acontece com a erudição.

ANO V — N.º 139

OUTUBRO

27

1957

A Veneza



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
Telefone 154

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
LOULÉ
Telefone 216

O SR. MINISTRO DO INTERIOR visitou o hospital desta vila

Num curto intervalo dos afazeres que o trouxeram à capital do distrito, o titular da pasta do Interior, sr. Dr. Trigo de Negreiros, deslocou-se a Loulé e, na companhia do respectivo director clínico, Dr. Manuel Cabeçadas, visitou as instalações hospitalares da Santa Casa da Misericórdia desta vila.

Sabemos que o sr. Ministro — cuja vinda teve carácter absolutamente particular — que observou demoradamente o edifício, instalações, arsenal médico cirúrgico e verificou, pelos livros, o movimento hospitalar, ficou agradaavelmente impressionado, a ponto de, numa reunião em Faro, ter apontado o nosso hospital e a assistência que ele presta como um exemplo a seguir.

Sua Ex.ª que viu sobre uma mesa um exemplar do número do nosso jornal em que publicámos a entrevista com o Dr. Manuel Cabeçadas, pediu que lh' o cedessem pelo interesse de ficar documentado sobre uma das mais belas instituições hospitalares da província.

Se foi agradável, para o Dr. Cabeçadas, ver reconhecido por um membro do Governo a eficiência do hospital que largamente muito lhe deve já em esforço e dedicação, o facto não pode deixar de lisonjear os louletanos no seu orgulho legítimo e de servir de incentivo para que ajudem a Santa Casa da Misericórdia para melhor nos valer e ao nosso semelhante em condições cada vez mais largas, mais eficientes e seguras.

A Indústria do Calçado em Loulé

Diz um recente inquérito que o nosso concelho possui 60 oficinas de sapataria, onde trabalham manualmente cerca de 800 operários, vendendo-se as suas manufaturas pelas feiras do País.

Não estão divulgadas aqui as interessantes máquinas de «pontear», «passar» e «acabamento» que, para uma pequena oficina poderiam custar cerca de 40 mil escudos e poderiam ser vistas nas recentes exposições de calçado de Lisboa — em 1956 — e no corrente ano, no Porto.

A rapidez de trabalho é tal que, por exemplo, a sola mais grossa dumas botas, poderão ser cozidas em 4 minutos, se a máquina for acionada manualmente, e em 2 minutos, se ela o fôr mecanicamente.

O preço destas 2 máquinas varia entre 8 mil es-

cudos, no 1.º caso, de 14 mil, no 2.º.

Quere dizer, que pelo preço de um pequeno automóvel, qualquer industrial de sapataria poderia mecanizar a sua oficina de calçado, multiplicando muitas vezes a sua produção e, por outro lado, aperfeiçoando o seu produto.

No recente II Congresso dos Economistas e da Indústria Portuguesa também foi discutido o ramo da indústria de calçado, cujas conclusões, por interessarem ao nosso concelho, passamos rapidamente a tratar:

1.º — A indústria de calçado encontra-se altamente dispersa com milhares de operários trabalhando em

(Continuação na 3.ª página)

**Terreno sobrante
da Caixa Geral de Depósitos**

No passado dia 23 foi adjudicado em hasta pública, pela elevada quantia de 270 contos, o terreno que restava dos prédios expropriados para a construção da Caixa Geral de Depósitos nesta vila, na Praça da República.

O referido terreno com a área de 330 m² foi adjudicado ao Sr. Manuel Joaquim Barreiras, pelo maior lance oferecido.

Casa do Algarve

NESTA simpática colectividade iniciam-se no próximo domingo, pelas 16 horas, as actividades festivas da presente época, com uma elegante «Tarde Algarvia» em que colabora uma distinta orquestra.

Foi transferida para o próximo mês, em dia a fixar, a conferência do Dr. Amadeu Ferreira de Almeida sobre turismo italiano.

Dia de finados

É profundamente triste o dia 2 de Novembro, o dia consagrado aos mortos, dia de meditação e de orações por aqueles que foram nossos entes queridos.

Neste dia, dia de luto e lágrimas, vimos prestar sentida homenagem aqueles corações que já não palpitem, e que na escuridão dos túmulos jazem inanimados e frios, cujos corpos dormem tranquilos na algidez das campas. Só nos resta a consolação de chorar as suas mortes, e, como sempre, neste dia que, de quando em quando o silêncio é quebrado pelo dobro tristeza das planícies do bronze das torres dos campanários e pelo círculo de orações, lá vamos ao cemitério, jardim de nós todos, cobrir de flores as campas onde repousam para sempre os corpos dos nossos pais, dos nossos irmãos, parentes e amigos.

É neste dia em que a saudade nos vence e nos é doce sentir-la no coração, porque é esta uma das ocasiões em que a nossa alma se espanta para entrar num recolhimento profundo de meditação e de orações. Sentimo-nos pequenos perante a eloquência do dia, em que os nossos mortos estão entre nós, na nossa memória, e em que a tristeza e as lágrimas põem um tom pesado no vasto círculo dos cemitérios.

Neste dia de recordações saudosas não há adulgações; há a homenagem de todos junto dos covais, dessa meia dúzia de palmos de terra sagrada, deixando ler nos seus rostos a amargura torturados pela saudade, muito embora saibamos que a morte não é mais do que o começo

(Continuação na 2.ª página)

Bombeiros Municipais

Foi de 15.000\$00 a verba distribuída como subsídio para a manutenção dos serviços de incêndio de Loulé, à Câmara Municipal de Loulé, no corrente ano.

Feira Franca de Olalbro

Realiza-se nos próximos dias 28 e 29 do corrente a tradicional Feira Franca que, de ano para ano, acentua a sua importância como meio de intercâmbio económico entre as freguesias do concelho e as localidades limítrofes.

Instalação da Escola Técnica

Prosseguem activamente os trabalhos de adaptação do antigo edifício da Escola Conde Ferreira para ali ser instalada a Escola de Ensino Técnico que foi recentemente criada na nossa vila.

O imóvel ficará assim, em condições de servir nos primeiros anos, para este fim, enquanto se estuda a possibilidade de construir um edifício próprio onde as instalações correspondam ao desenvolvimento e aumento de frequência que se espera.

A Escola Técnica de Loulé

A sua criação foi pedida há quarenta e cinco anos

EVOCAM-SE OS NOMES DE QUANTOS PARA ELA TRABALHARAM PRESTANDO-SER-LHES JUSTIÇA

(Entrevista com o sr. José da Costa Guerreiro)

Santos, Izidoro Rodrigues Pontes, Francisco de Sousa Faisca e Manuel Cristovão de Sousa Vinhas, pelo presidente, ao regressar dum visita à Escola Industrial de Lagos, foi alvitrado que, na primeira oportunidade, uma delegação da Câmara fizesse uma diligência, em Lisboa, junto do Departamento Ministerial respectivo, pedindo a criação, em Loulé, duma Escola Técnica. Pouco tempo depois, o Vice-presidente da Câmara e eu, na qualidade de vereador, acompanhados pelo então ilustre Capitão-tenente José Mendes Cabeçadas Júnior, devotado louletano que durante anos viveu e defendeu com carinho os problemas da sua terra, efectivámos a alvitada diligência que, infelizmente, não foi coroada de sucesso.

Assim podemos formular a primeira pergunta:

— Quando surgiu, em Loulé, a ideia de se criar aqui uma escola técnica e desde quando começou o município a patrocinar essa criação?

— Em 1912, sendo presidente da Câmara Municipal o sr. Dr. Francisco Xavier Cândido Guerreiro, vice-presidente Manuel Guerreiro Cabeçadas, Vereadores José da Costa Guerreiro, Alexandre João do Nascimento

Há perto de cem anos que, num cartório da cidade do Porto, era redigido um testamento com a seguinte disposição: «Convencido de que a instrução pública é um elemento essencial para o bem da sociedade, quero que meus testamenteiros mandem construir e mobilar cento e vinte casas para escolas primárias de ambos os sexos nas terras que forem cabeças de concelho, sendo todas por uma mesma planta e com acomodação para vivenda do professor, não excedendo o custo de cada casa e mobília a quantia de 1.200\$00 reis, e pronta que esteja cada casa será a mesma entregue à junta da paróquia em que fôr construída, mas não mandarão construir mais de duas casas em cada concelho e preferirão aquelas terras que bem entenderem».

Esta é a parte do testamento relativa ao ensino primário, cuja data remonta ao dia 15 de Março de 1866, por quanto a parte restante, envolvendo diversos legados, constitui, conjuntamente à da instrução, uma das mais belas demonstrações de solidariedade humana e de amor patrio. A própria letra do testamento é já de si uma afirmação de grandeza cívica e de compreensão social, pois numa época em que a nossa instrução roçava em que a alfabeto o autor não hesitou em afirmar que a instrução pública era um elemento essencial para o bem da sociedade.

Em frente de tão bela concepção do bem comum parece que tudo se conjugaria para que a obra do Conde de Ferreira não sofresse o mais

leve desaire, quer nos propósitos que orientaram aquele benemérito, quer na eficiência dum obra que só mereceria incentivos. Tal, porém, não tem sucedido, embora aqui e além uma ou outra terra tenha caprichado em ser fiel à memória de um homem que se engrandeceu no trabalho probo e fecundo.

E sem desdouro para

(Continuação na 3.ª página)

Mais vale tarde...

Maus fados parece terem implicado com a existência da nossa escola Conde de Ferreira. E digo maus fados, para não dizer outra coisa.

Há perto de cem anos que, num cartório da cidade do Porto, era redigido um testamento com a seguinte disposição: «Convencido de que a instrução pública é um elemento essencial para o bem da sociedade, quero que meus testamenteiros mandem construir e mobilar cento e vinte casas para escolas primárias de ambos os sexos nas terras que forem cabeças de concelho, sendo todas por uma mesma planta e com acomodação para vivenda do professor, não excedendo o custo de cada casa e mobília a quantia de 1.200\$00 reis, e pronta que esteja cada casa será a mesma entregue à junta da paróquia em que fôr construída, mas não mandarão construir mais de duas casas em cada concelho e preferirão aquelas terras que bem entenderem».

Esta é a parte do testamento relativa ao ensino primário, cuja data remonta ao dia 15 de Março de 1866, por quanto a parte restante, envolvendo diversos legados, constitui, conjuntamente à da instrução, uma das mais belas demonstrações de solidariedade humana e de amor patrio. A própria letra do testamento é já de si uma afirmação de grandeza cívica e de compreensão social, pois numa época em que a alfabeto o autor não hesitou em afirmar que a instrução pública era um elemento essencial para o bem da sociedade.

Em frente de tão bela concepção do bem comum parece que tudo se conjugaria para que a obra do Conde de Ferreira não sofresse o mais

leve desaire, quer nos propósitos que orientaram aquele benemérito, quer na eficiência dum obra que só mereceria incentivos. Tal, porém, não tem sucedido, embora aqui e além uma ou outra terra tenha caprichado em ser fiel à memória de um homem que se engrandeceu no trabalho probo e fecundo.

E sem desdouro para

(Continuação na 3.ª página)

QUARTEIRA, a praia de Loulé

IV

Explicada, no número anterior, a razão de ser e os fins prosseguidos com os presentes artigos, observemos no «Quarteira... em retrato» do sr. Presidente da Junta de Turismo, o problema hoteleiro.

Não se comprehende muito bem da «comodidade e satisfação em todos os visitantes que freqüentam as pensões existentes» quando a seguir se diz que os inspetores do S. N. I. P. apenas atribuiram a uma das pensões, a categoria de «Pensão de 3.ª classe», tendo as outras descipto para casas de hóspedes, por não haver escala mais baixa, no capítulo das instalações hoteleiras.

Mas, pondo de parte considerações de carácter dialético, vamos

O sr. Dr. A. de S. Pontes, sugere, em resumo, três soluções para o problema da Quarteira: Primo:

Aparecer um Banco ou um capitalista que queira empatar para cima de mil contos na construção de um imóvel visto que o hotel de Albufeira irá custar para cima de 4 mil contos.

Segundo: Mandar os interessados frequentar o curso da Escola de Hotelaria do S. N. I. P. para entrar na distribuição de hoteis que este organismo pensa construir no Algarve.

Terceiro: Abrir uma inscrição na Junta de Turismo para os louletanos que queiram subscriver ações dumha empresa que pretende construir um hotel em Quarteira.

(Continuação na 3.ª página)

Ora bem! Antes mesmo de abordar os considerandos relacionados, há uma coisa que a Junta de Turismo já podia ter feito e muito viria contribuir como adjuvante para o problema de «comodidade e satisfação do visitante». Era o de propor à Câmara, a promulgação de uma postura regulamentando as condições mínimas de higiene e conforto que devem exigir-se nas casas a alugar na época balnear.

Por que, alugar casas por 3 e 4 contos, ou seja à razão de 300\$00 e 400\$00 mensais, já obriga a um certo grau de apuramento das instalações hoteleiras.

Mas até hoje, apesar de há muitos anos, o signatário já ter feito junto de outros Presidentes das Juntas de Turismo a sugestão de se fazer o arrolamento das casas alugáveis em Quarteira, para veraneantes, tudo continua a fazer-se discricionariamente e quem vem de fora tem de ir, de porta em porta a perguntar se querem alugar a casa. Como tudo está feito no sentido de facilitar a vida aos senhorios — isto é os de casa — o banhistas alugados não tem a quem recorrer para a defesa dos seus interesses e, na generalidade, é explorado.

Há, contudo, estâncias em que a própria Junta de Turismo se encarrega do aluguer das casas e estabelece acordos de preços com os senhorios.

(Continuação na 3.ª página)

«Loulé... em retrato»

Entre os numerosos casos de gripe «asiática» de que o concelho está inçado, ha-de, evidentemente, existir muita caso de gripe «nacional» que passa por estrangeira.

Mas como hoje até nas doenças já há modas, qualquer pessoa que é passiva de um bocadinho de temperatura, recolhe-se ao leito e muito contente, diagnostica: «Já cá está ela!!!»

Não sei onde está a satisfação de ter tido «asiática», mas o que é certo é que tenho verificado que quase todas as pessoas que a sofreram, dizem com certa vaidade e enfase: «já a tive».

Parece que fica bem já a ter tido, ou porque as pessoas julgam que o facto de a ter uma vez, dá a imunidade, ou porque se pensa que é de bom tom, te-la tido, ou porque realmente anda no ar um espírito de internacionalização receptível pela quase totalidade das pessoas: o certo é que há qualquer coisa nessa moléstia que a torna simpática, para muita gente.

Sucede que, à sombra desta calamidade, se cometem alguns delitos, se forjam algumas evasivas ou desculpas para certos actos, se aproveitam casos e factos que, em clima de sanidade normal, se não poderiam praticar.

A «asiática» serve de desculpa para não ir aqui ou ali, para se desculpar de ser isto ou aquilo, de se perder ou ganhar um desafio de futebol e até de pagar uma letra no vencimento.

Os rapazes bendizem a «asiática» que proporciona férias suplementares, umas gemadinhas mais assucaradas, um maior consumo de bolos e chocolates e uns dias sem pegar em livros nem aturar professores.

O convencimento em que muita gente está, de que a «asiática» se evita com uso de aguardente, tem provocado um consumo exagerado desta bebida, o que dá origem a um desbaste nos stocks, que aliás eram avultados e preocupavam os seus detentores.

Temos ouvido a este respeito muita anedota, porque o momento faz-nos lembrar

o carnaval em que todos se mascaram para dizer, o que, na realidade, pensam dos outros.

Assim, a gripe, tem o condão de desmascarar os que gostam da aguardente, mas levam o ano a mascarar essa preferência.

Dizia-nos, há dias, um amigo do lado da serra, que era preciso que a aguardente fosse de medronho.

Outro dia, preferia uma bagaceira e até o Parreira da carroça diz que o que é preciso é beber alguma, mesmo que seja «babá de boi».

O que é certo é que a célebre epidemia deixa profundos rastros nas pessoas que a sofrem. Algumas ficam alquebradas por largo tempo, com as faculdades de trabalho bastante reduzidas, outros com dores de cabeça, dores nas costas, e, na generalidade com tosses profundas.

Até a «Voz de Loulé» com a doença do seu editor ficou reduzida a metade no último número e, a avaliarmos pelo que nos dizem, da cobrança de assinaturas, a Tosse é muito profunda.

Visitou o nosso Concelho no passado domingo o Ilustre Governador Civil de Faro, que, em reunião conjunta com a comissão política local, Câmara Municipal, Juntas de Freguesia e Regedores, tratou da preparação do acto eleitoral que se avisinha e tudo faz prever que o nosso Concelho se apresentará galhardamente, como sempre, na defesa da política do Estado Novo, que o mesmo é dizer: Pela Pátria e por Salazar!

Reporter X

VENDE-SE

Prédio em Quarteira, sítio dos Cavacos — Rua Patrônio Lopes nº 13) composto de casa de habitação — 6 divisões — quintal com poço, tendo anexo um grande armazém que poderá servir para garagem.

Tratar com o sr. Hermenegildo da Piedade — Quarteira ou D. Maria Luisa Albuquerque Rebelo — Sítio do Pinheiro — Loulé.

SEMPRE
Que deseja efectuar os seus seguros
Consulte:
Maria Madeira Cavaco Pereira
Av. Marçal Pacheco, 31-1.º LOULÉ

Que lhe proporcionará as mais vantajosas condições de seguros autorizados em Portugal em todos os ramos e todas as modalidades.

Dia de Finados

(Continuação da 1.ª página)

de uma outra vida, entrelaçada, confundida nesta hora de meditação e de lágrimas, numa coroa de saudades, a grande máqua, a nossa dor.

Evocamos nesta quadra do ano, o passado, os seres que nos amparam e guiam os nossos primeiros passos e agora jazem inanimados, desfeitos, irreconhecíveis. Nós fomos para eles a alegria, a sobrevivência do amor. Eles lá estão e nós ainda andamos por cá, até que, dando a fatal volta da vida iremos fazer-lhes companhia.

Morreram como havemos de morrer também, e vivem como nós vivemos ainda. Já não são para nós senão recordações saudosas neste dia triste, altamente eloquente na sua singeleza muda do vasto cenário do cemitério, onde se encontram dissimilados, por aqui e por ali, os leitos mortuários.

E sobre este panorama, a saudade, a tristeza, o luto, as lágrimas a cairem sobre as campas onde ardem também algumas luzes, que exprimem o ardor da fé de quem vive ainda.

Augusto C. Bolotinha

CASA

Vende-se uma casa com chave na mão, com jardim à frente, 6 divisões, luz, quarto de banho e horta com água tirada a motor e ainda 4 compartimentos separados para arrecadação. Junto à estrada de S. Brás, próximo da Rotunda da Avenida.

Tratar com Agostinho Bernardo — Loulé.

Ginginha e Eduardino

das Portas de Santo António
as melhores bebidas do País
Vende por atacado e a retalho

M. Brito da Maria

Telefone 18 LOULÉ

NÃO COMPRE

Motores Eléctricos,
Diesel e a Petróleo
sem primeiro visitar o

STAND
de José de Sousa Pedro
Rua 5 de Outubro, 29 a 33
LOULÉ

EMPREGADA

De preferência com prática de cabeleireira.

Nesta redacção se informa.



Não compre

Móveis ou adornos

para o seu lar

sem que tenha apreciado a grande exposição da casa

HORÁCIO PINTO GAGO

(antiga firma PINTO & PEREIRA)

Avenida José da Costa Mealha — LOULÉ

MOBÍLIAS ~ ESTOFOS ~ TAPEÇARIAS

Agente do famoso produto **SYNTECO**

Preços fora da concorrência

(que resolve o problema do encerramento periódico)

As mobilias são entregues em casa do cliente em furgoneta própria da casa

A Escola Técnica de Loulé

(Continuação da 1.ª página)

— Sim, podemos afirmar que, com raras exceções, todas as vereações que se seguiram à de 1912, umas mais do que outras, conforme as circunstâncias, procuraram insuflar vida à ideia, diligenciando materializá-la. Apraz-me citar aqui os nomes de bons louletanos que presidindo a vereações constituídas por homens de boa vontade e de indiscutível louletanismo, tiveram sempre presente a velha aspiração dos seus conterrâneos: António Martins Sancho, David Evaristo d'Aragão Teixeira, Dr. José Joaquim Soares, José Claudio da Silva Mendes, Manuel Guerreiro Pereira, Coronel Manuel de Sousa Rosal Junior e Dr. Maurício Serafim Monteiro. Aos mortos que aqui cito presto as minhas mais sentidas homenagens de saudade com os vivos me congratulo.

Passado o rápido momento de emoção que se notou ao citar alguns destes nomes, perguntámos ao sr. José da Costa Guerreiro qual o facto ou factos que mais teriam contribuído, durante esta longa jornada, para a criação da nossa Escola.

— Salvo melhor opinião e abstraindo a acção que a minha pessoa, por ventura, tivesse tido dentro do problema em consequência da função que desempenhava, parece-me que o que mais decisivamente influiu perante as instâncias oficiais, impulsionando-lhe um forte espírito de justiça, foi o seguinte facto e o que dele derivou: Em princípios de Fevereiro de 1945, a vereação da minha presidência, constituída pelos vereadores José Ribeiro Ramos, Sebastião Rodrigues Marques, José da Conceição Franzez e Aníbal Dias da Silva, homens a cuja lealdade e camaradagem indiscutíveis presto as minhas homenagens, ao ter conhecimento de que se ia reformar o ensino técnico imediatamente deliberou convocar o Ex.º Sr. Director General do Ensino Técnico, Dr. António Carlos Proença de Figueiredo, a quem tinha sido cometido o encargo da dita reforma, a deslocar-se a Loulé para *in loco*, verificar as razões da nossa pretensão, estudando os problemas do nosso artesanato e meio comercial. Os elementos aqui colhidos por Sua Exceléncia foram de molde a que a sua reforma, transformada em lei pelo Decreto nº 36.400 de 1 de Julho de 1947, incluisse a Vila de Loulé no número de Cidades e Vilas onde se previa a criação de Escolas Técnicas. Pode concluir-se, pois, que este Decreto foi, por assim dizer, o programa que o Governo estabeleceu e tem vindo a executar com relação à criação destas escolas. Com esta minha conclusão não quero afirmar que foi inútil a luzida e prestigiosa embaixada de louletanos ilustres e outras personalidades de alta categoria que, em dado momento, se dirigiram a Sua Ex.º o Sr. Ministro da Educação Nacional, solicitando a criação da Escola em Loulé; longe de mim tal ideia porque estou, sinceramente, convencido de que a sua presença, além de evidenciar a

vitalidade dum terra, ela teve, por ventura, o mérito de pela sua grande influência abreviar a consecução do que se pretendia. Loulé ficou-lhes por esse facto a dever-lhes serviço inestimável.

Prosseguindo nas diligências que vinham sendo feitas desde 1945, algum tempo depois da publicação do decreto que reformou o Ensino Técnico a que me referi, o então presidente da Câmara, o Ex.º Sr. Dr. Aires de Lemos Tavares, acompanhado pelo Ex.º Sr. Dr. José António Madeira, apoiado já, certamente, na previsão que a reforma estabelecia para a criação de escolas, se dirigiram ao Departamento Ministerial respectivo e ali pediram, instantaneamente e com o entusiasmo, próprio de quem solicita um acto de justiça, que o Governo, ao iniciar a execução do programa estabelecido pela reforma, tomasse na devida conta a velha pretensão da Câmara Municipal de Loulé.

Nesta altura o nosso entrevistado afirmou mais: que sempre que as vereações da sua presidência tiveram de tratar do problema junto das entidades oficiais, encontraram a seu lado a valiosa e dedicada colaboração do ilustre e prestigiado louletano Dr. José António Madeira e, corroborando a sua assertão, esclarece que a última diligência feita junto do Ex.º Sr. Ministro da Educação Nacional e a que presidiu o Ex.º Sr. Dr. Maurício Monteiro, que lhe sucedeu na presidência do Município, estava quase preparada, de acordo e sob a orientação daquele nosso conterrâneo. E acrescenta:

— Como subsídio para a história da nossa escola, recordarei ainda, se a memória não me atraiçoar, que houve um momento na vida política da nossa terra em que a Escola Técnica poderia, talvez, ter sido uma realidade em Loulé e não em Silves. Ai por 1916 / 1917, quando a influência eleitoral de Loulé era decisiva nas eleições de deputados no círculo do Algarve, tivessem querido os políticos que disfrutavam, nessa época, da influência do poder, jogar o trunfo que tinham nas mãos, preocupando-se mais com o progresso da terra e menos com as questões de predominio pessoal, a jornada da nossa escola teria sido menos longa e os políticos de então que eram, sem dúvida alguma, devotados louletanos, teriam deixado os seus nomes ligados a uma obra meritória, compensadora dos enormes sacrifícios materiais e morais a que os submetia a política de então.

Quase a terminar, o nosso entrevistado declarou que, como o propósito que o anima, é o dar o seu a seu domo, praticaria falta sem desculpa, se esquecesse, nesta citação de factos e pessoas, o nome dum louletano que, durante parte desta longa jornada caminhou, entusiasticamente, a par das vereações, prestando-lhes não só os serviços que por dever do seu cargo lhe competiam mas também aquele dinamismo e dedicação próprios dum colaborador que sempre se apaixonou pelas iniciativas das vereações quando elas tendiam ao progresso de Loulé. Esse nome é o do Sr. Raul Rafael Pinto, antigo chefe da secretaria da Câmara, hoje desempenhando na nossa terra outras funções de relevo.

Esta nossa entrevista encerrou-a o sr. José da Costa Guerreiro, concluindo:

Parece-me que informei a VOZ DE LOULÉ de tudo quanto ela carecia para a história davelha aspiração dos louletanos e para que intera justiça seja feita a todos que, por dever de cargo e de consciência, se esforçaram para a realizar. E terminando, endereço, na oportunidade que o vosso jornal me proporciona, a sua Exceléncia o Sr. Ministro da Educação Nacional, um dos mais brilhantes ornamentos do Governo de Salazar, os humildes agradecimentos dum indefectível louletano que durante 45 anos se bateu, sem desfalecimentos, pela pretensão a que Sua Exceléncia acaba de conceder plena e justa satisfação.

Fica assim arquivada, nas nossas colunas, a história da nossa escola técnica e que bem atesta a persistência dos louletanos e mostra a vantagem do espírito de unidade que deve congraçá-los sempre que se trate de um benefício — material ou moral — para Loulé.

A história, porém continua, agora na tarefa não menos insana, de instalar, de forma satisfatória, o novo estabelecimento escolar.

Coube agora a vez ao nosso particular amigo José João Pablos cujo entusiasmo e dedicação a este problema são o traço de união entre as lutas do passado e as glórias do futuro.

Estas dependem agora da nossa juventude que, pela aplicação e entusiasmo, podem fazer da nossa escola técnica a «celula-mater» do largo desenvolvimento industrial que Loulé fica com possibilidades de atingir.

VENDEM-SE

Diversas propriedades em Silves, que foram de Artur Andrade. Tratar em Salir com Maria Teixeira de Andrade ou José Caixote.

Dr. Teodoro de Sousa Pedro

CLÍNICA GERAL

Consultas:

Casa de Saúde «Dr. António Frade»

das 15 às 18 horas

Telefone 52

Residência: RUA 5 DE OUTUBRO, 67 — Telef. 196

LOULÉ

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

em banheiras, louças sanitárias e outras

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Azulejos brancos a \$85

JOÃO DE OLIVEIRA

Av. Marçal Pacheco — Loulé

Quarteira, a praia de Loulé

(Continuação da 1.ª página)

Na generalidade, tem havido sempre da parte da Junta de Turismo de Quarteira, uma inclinação para a defesa dos interesses naturais que nos parece não corresponder bem ao significado de fazer turismo, isto é, facilitar a atração dos que vêm de fora.

*
Abordando o problema hoteleiro propriamente dito, recapitulemos: *Primo:* Não nos parece feliz a ideia de pedir a indicação de um «Banco ou de um capitalista que construa hotéis».

Os Bancos ou capitalistas, podem estar na disposição de atender a Junta de Turismo, o seu Presidente ou qualquer Quarteirense ou não Quarteirense, que por si, ou organizados em empresa legalmente constituída e oferecendo as necessárias garantias recorram ao financiamento que se lhes solicite.

O que é preciso é haver ordenação nas coisas, porque beneméritos como o sr. Vinhas Cabrita não caem do céu, ainda que se façam muitos apelos.

O que há necessidade é de estudar, estruturar a constituição de uma empresa que, com os seus lucros, atraia capital pela rentabilidade que lhe ofereça, ou contrair um empréstimo a longo prazo com o acordo da Câmara e o seu aval e construir a própria Junta de Turismo o imóvel, cuja exploração se alugaria depois.

E pode o sr. Presidente da Junta, dizer-nos o que já se fez nesse sentido?

Pois se há até um indivíduo que tem um projecto que satisfaz plenamente as exigências de Quarteira, que se deslocou a Lisboa, com o sr. Dr. Mauricio Monteiro, para trocar impressões com o arquitecto encarregado do Plano de Urbanização e contra isto se levantou uma montanha de dificuldades e más vontades, justiça seja feita, não pela parte da Junta de Turismo, mas porque o interessado não era uma pessoa simpática pessoalmente!

Segundo: Seria realmente recomendável que a Junta promovesse ou incitasse a frequência de naturais de Quarteira ou de Loulé no curso da Escola de Hotelaria que o S. N. I. P. vai abrir, dado que será ali que se irão recrutar os futuros criados de mesa, administradores e gerentes dos hoteis, que o mesmo organismo pensa criar nas Praias do sul, como se diz, mas isso só por si não resolve o problema.

A Junta de Turismo é que devia ir já preparando uma exposição documentada sobre o valor de Quarteira, como centro de turismo no coração do Algarve, acessível a todo o Baixo Alentejo, abundante de fruta e de boa água, preferida por uma grande área de população rural e urbana, com condições de ser favorecida pela facilidade de desenvolvimento urbano derivado do baixo custo dos materiais de construção e tudo o mais que possa exemplificar a nossa Praia como candidata número um, a esse grande benefício turístico que o S. N. I. P. tem em vista com a construção de hoteis.

Tertio: Diz-nos o sr. Presidente da Junta que está aberta uma inscrição, para os louletanos (porque será só para louletanos?) que queiram subscrever acções dumha empresa que pretende construir um hotel em Quarteira.

Gostaríamos de ver o programa ou plano dessa empresa, para ver os fins que se propõe, as condições de vida e segurança que oferece, as garantias que proporciona ao capital que pretende realizar e podemos desde já assegurar que se fôr aceitável, não dizemos, modular, a perspectiva dentro da humildade das nossas forças, subscreveremos com algum capital.

Mas se se trata só de inscrição sem plano nem base, sem estudo nem orçamento, não nos interessa porque é ideia frustrar, de antemão condenada ao malogro, porque só denuncia espírito de propaganda abstrata.

Estamos prontos para colaborar em tudo o que se nos peça para engrandecer Quarteira, para ajudar sem compensações nem interesses o seu progresso e desenvolvimento, não queremos mal aos senhores membros da Junta, não pretendemos estabelecer polémicas jornalísticas mas pedimos e exigimos que se faça obra visível, palpável e duradoura.

R. P.

MAIS VALE TARDE...

(Continuação da 1.ª página)

quem quer que seja, não se ria quezilento referir o caso de Loulé, onde uma escola Conde de Ferreira, provida de dois lugares (duas escolas, para o caso) foi, durante muitos anos, a candela que iluminou gerações sucessivas. Não será demais citar alguns nomes dos que por aqui passaram como alunos, entre eles Duarte Pacheco, José António Madeira, Guerreiro Murta, a par de outros, filhos da Terra, cuja existência marcam figuras de relevo social, quer no passado, quer no presente. Toda a geração do velho professor Cabrita aqui se formou, honrando o mestre e honrando-se a si própria.

Se um testamento não fosse já de si um documento respeitável, tão respeitável que um simples desvio que atraçõe os seus fins é causa de anulação, bastaria todo esse passado da nossa escola Conde de Ferreira para termos por ela o respeito das coisas veneráveis.

Vem isto a propósito da rota que as coisas tomaram diante do problema escolar na nossa terra. A certa altura caiu um mau olhado sobre este estabelecimento de ensino: foi dado uor incapaz. Depois de algumas vicissitudes, converteu-se em «Toca do Coelho» — uma tasca de sabor carnavalesco — para logo a seguir ser adaptado a mercearia... e outras coisas quejandas. Não oferecia segurança como escola, mas estava firme que nem uma rocha para tudo mais!

Não vale a pena esmiuçar factos, nem está nos nossos propósitos assacar responsabilidades seja a quem fôr.

Estas, se não recaissem em parte sobre inconscientes, chegariam para perturbar o sono de certos indivíduos.

Façamos, porém, de conta que tudo se passou sob um clima de boas intenções, sem propósito de molestar fosse o que fosse, aquele clima que vota ao abandono todas as coisas velhas, mal adaptadas às realidades práticas. Estavamo assim em presença do castigo de ser velho!

E a nossa escola velha, mas resistente, suspirava, de certo modo, por uma fada que passasse e lhe tocassem com a varinha de condão, alias teria de permanecer votada a todas as afrontas. Como a Providência é grande!... A fada apareceu com a sua varinha, uma varinha que se chama Escola Industrial e Comercial de Loulé. Cessou a incapacidade; a sua frontaria vai ser lavada; os telhados vão ser remendados; os soalhos, substituídos. O verniz que se lança sobre as madeiras vai fazer desaparecer, certamente, aquele cheiro a «toca de coelho» e a manteiga rançosa que já ia penetrando por toda a parte.

O que é preciso é que tudo se faça sem esquecer o nome do Conde de Ferreira, ainda que seja numa simples pedra, para que a escola, que outrora foi ninho de tantas esperanças, volte a ser luz radiante no cabo tormentório da vida, e para que as futuras gerações saibam que em pleno século dezanove houve um homem honrado que afirmava: «a instrução pública é um elemento essencial para o bem da sociedade» — a quem coube o título de Conde de Ferreira.

Gil Brasino

A Indústria de Calçado em LOULÉ

(Continuação da 1.ª página)

regime domiciliário, para vários patrões, ao mesmo tempo que trabalham poucas fábricas total ou parcialmente mecanizadas. Desta estrutura resultam concorrências desordenadas, quer em qualidade quer em preços.

2.º — A indústria precisa de organização e disciplina para poder progredir, tendo o Grémio Nacional dos Industriais de Calçado elaborado já um estudo que foi presente ao Senhor Ministro da Economia. Urge que se promulguem as medidas aí sugeridas para que a indústria possa, de facto, alcançar prosperidade e prestígio.

3.º — Os mercados ultramarinos podem e devem ser preenchidos pela indústria metropolitana, que aí deve concorrer com calçado de boa qualidade, adaptado às condições do clima, às exigências da vida local, às tendências da moda, etc. Para isso devem exigir-se garantias de idoneidade aos exportadores, abolir ou suavizar os direitos de exportação, facilitar as transferências bancárias, baixar os fretes nos barcos portugueses e tomar providências contra a concorrência estrangeira, sobretudo asiática, infiltrável por Macau.

4.º — O calçado português, de fabrico manual, já desfruta de grande fama em certos mercados estrangeiros, dificilmente podendo ser superado em elegância e preço, pelo que convém estimular a sua exportação mediante propaganda adequada.

5.º — A indústria carece de escolas técnicas para moldadores, cortadores e outras categorias, bem como de um centro de estudo que encare os grandes problemas de produtividade e racionalização da montagem.

A longa tradição desta indústria no nosso concelho (contra 30 oficinas mecânicas de calçado de S. João da Madeira, Loulé possui 60 oficinas manuais), parece justificar que na Escola Industrial de Loulé seja dada satisfação a este voto do mencionado Congresso das Indústrias, para que a indústria do calçado louletano passe da fase do trabalho domiciliário, incipiente, para uma fase mais progressiva, que trará como consequência imediata a valorização do trabalho do operário.

Não menor será a valorização da capacidade industrial e comercial de Loulé, cujas organizações bancárias devem estudar em profundidade este problema.

Loulé precisa de responder à crítica daquele vizinho sambranense que estranhava não haver na nossa Vila qualquer indústria de valor económico comparável ao da indústria da cortiça... o que tem o seu fundamento pelo que se lia no *Jornal do Algarve*, de 12 do corrente mês de Outubro: as contribuições industriais e predial pagas em média por cada habitante dos concelhos algarvios, era o que a seguir se descrevem, em relação a 1950:

Faro, 157\$00; Vila Real de Santo António, 157\$00; Portimão, 136\$90; Olhão, 125\$00; Lagos, 105\$60; Lagoa, 85\$20; Alportel, 75\$25; Vila do Bispo, 66\$50; Tavira, 65\$30; Albufeira, 59\$00; Silves, 55\$45; Aljezur, 55\$45; Loulé, 53\$80; Castro Marim, 43\$70; Monchique, 42\$80; Alcoutim, 30\$70.

A. S. Pontes

LEIA!
ASSINEI
DIVULGUE
«A Voz de Loulé»

Transportes de Carga Louletana, L.

Largo Tenente Cabeças — Telef. 30 e 17



LOULÉ

AGÊNCIA EM LISBOA:

Rua de S. Mamede, 24-D (ao Caldas)

Telefone 22437

Agência em Olhão:

Avenida 5 de Outubro, 22-A

Telefone 193

«A Voz de Loulé» — Loulé
N.º 139 — 27/X/1957

Tribunal Judicial

Comarca de Loulé

A NÚCIO

2.ª publicação

Pelo segunda secção da Secretaria Judicial desta comarca, corre editos de 20 dias, contados da segunda e última publicação desse anúncio, citando os credores desconhecidos do executado Manuel Cortes Júnior, separado de pessoas e bens, comerciante, residente no sítio de Messines de Baixo, freguesia de S. Bartolomeu de Messines, comarca de Silves, para no prazo de 10 dias, posterior ao dos editos, deduzirem os seus direitos na execução sumária que contra aquele move D. Maria Raquel dos Santos Silva Franco Marques Lito e marido, Eugénio de Almeida Marques Lito.

Foi conduzido ao hospital de Loulé onde recebeu tratamento, e ficou internado.

Ecos do AMEIXIAL

Realizou-se há dias no salão grande anexo à Igreja desta freguesia, uma sessão de propaganda eleitoral da União Nacional presidida pelo sr. José João de Ascensão Pablos, Presidente da Câmara, que era ladoado pelo sr. Dr. Aires de Lemos Tavares, Presidente da Comissão Conceição da União Nacional, Rev. sr. P. Joaquim Fernandes Moreira, Prior desta freguesia, Dr. Correia, Presidente da Junta de Freguesia e senhor Regedor.

Falou em primeiro lugar o Rev. Padre Moreira, que se referiu ao dever que todos temos de votar no próximo dia 3 de Novembro, e às necessidades materiais mais urgentes da freguesia.

Falou em seguida o sr. Dr. Aires, que aconselhou todos os eleitores a votar no próximo dia 3, para que possa continuar a grande obra de Salazar, e, lembrou o grande prestígio que o nosso país hoje gosta no estrangeiro.

A seguir falou o sr. José João de Ascensão Pablos, Presidente da Câmara, que lembrou aos eleitores, o dever de votar no próximo acto eleitoral para continuação da Grande obra de Salazar, que é de paz e prosperidade.

A assistência que encheu completamente a sala, ouviu com muita atenção todos os oradores.

15-10-957

Augusto Teixeira

«A Voz de Loulé» — Loulé
N.º 139 — 27/X/1957

Tribunal Judicial

Comarca de Loulé

A NÚCIO

2.ª publicação

No dia 14 do próximo mês de Novembro, pelas 11 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, na execução sumária que corre pela Secretaria do mesmo Tribunal, em que são exequentes — Leonor da Conceição Anacleto e Executado — Francisco António Inocêncio, solteiro, maior, sapateiro, residente no sítio do Vale da Figueira, freguesia de São Bartolomeu de Messines, comarca de Silves, há-de ser posto em praça para se arrematar ao maior lance oferecido acima do valor indicado no processo, o direito e ação que o executado tem à herança aberta por óbito de seu pai, António Inocêncio, falecido que foi no dia 22 de Janeiro do corrente ano no sítio da Corte Grande, freguesia de Alte, no estado de casado com comunhão de bens com a mãe do executado, Apolinária Maria. Vai à praça no valor de 1.313\$75.

Loulé 15 de Outubro de 1957

António Ilídio Assis da Veiga Verifiquei

Júnior

O Chefe da 2.ª Secção

António Barbosa Vicente

Júnior

O Juiz de Direito

António Barbosa Vicente

Júnior

O Chefe da 2.ª Secção

António Barbosa Vicente

Júnior

O Juiz de Direito

António Barbosa Vicente

Júnior

O Chefe da 2.ª Secção

António Barbosa Vicente

Júnior

O Chefe da 2.ª Secção

António Barbosa Vicente

Júnior

O Chefe da 2.ª Secção

António Barbosa Vicente

Júnior

O Chefe da 2.ª Secção

António Barbosa Vicente

Júnior

O Chefe da 2.ª Secção

António Barbosa Vicente

Júnior

O Chefe da 2.ª Secção

António Barbosa Vicente

Júnior

O Chefe da 2.ª Secção

António Barbosa Vicente

Júnior

O Chefe da 2.ª Secção

António Barbosa Vicente

Júnior

O Chefe da 2.ª Secção

António Barbosa Vicente

Júnior

O Chefe da 2.ª Secção

António Barbosa Vicente

Júnior

O Chefe da 2.ª Secção

A Voz de Loulé

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Outubro:

Em 20, os srs. Dr. Armando Rocheta Cassiano, Víctor Mendonça Viegas e a sr.^a D. Maria Francisca dos Santos Cavaco.

Em 22, as meninas Maria Bernardete de Matos Ruas e Lízete Dionísio Bota Passos, residente em Angola, as sr.^a D. Albertina de Campos Guerreiro e D. Idalina Coelho Matos Lima e os srs. Dr. Manuel Rodrigues Correia e João de Sousa Dias, residente em Lisboa.

Em 23, a sr.^a D. Maria Genoveva Viegas de Sousa Lopes e as meninas Maria Rosa Serafim Campina e Aura Maria Rodrigues Laginha Ramos.

Em 24, a menina Célia Maria Rodrigues Anastácio e a sr.^a D. Maria da Conceição do Nascimento Caeiro e o sr. Francisco Manuel Bota Inés.

Em 26, o menino José Pedro Marques da Costa Rocheta e a menina Maria Manuela Jocelyne Morais de Azevedo.

Em 28, a sr.^a D. Maria José Cachola Guerreiro, e os srs. Manuel Maria Filipe Bartolomeu e João dos Santos Martins, residente na Venezuela.

Em 29, o menino Manuel Francisco Gonçalves Guerreiro e a sr.^a D. Zélia Maria Sousa Correia.

Em 30, a sr.^a D. Maria Manuela Belmargo Rocheta.

Em 31, osr. Daniel Farrajota Costa.

PARTIDAS E CHEGADAS

— Na companhia de sua esposa, sr.^a D. Assunção Maria da Costa Fernandes, esteve na nossa redacção o nosso conterrâneo e prezado assinante em Lisboa sr. Dr. José Fernandes Mestre.

— Vimos neste o distinto advogado sr. Dr. Marreiros Neto, residente em Portimão.

— De visita a sua família e a «matar saudades» da terra natal, encontra-se entre nós o sr. Lázaro Afonso Romão, nosso prezado assinante em Alhos Vedros.

— Para junto de seu pai, seguiu de avião para Sidney (Austrália) o nosso conterrâneo sr. Sérgio Carapeto Corpas.

— Partiu para Lisboa, onde vai fixar residência, o nosso conterrâneo sr. Joaquim José Ramalho.

ALEGRIAS DE FAMÍLIA

— Num quarto particular do Hospital de Faro, teve a sua «delivrance», no preterido dia 16, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.^a D. Maria Izidra Rocha Coentreiro Valente Cantante, esposa do meretíssimo Juiz de Direito em Santa Cruz da Graciosa (Açores), sr. Dr. Joaquim Augusto Valente Cantante e filha do conceituado comerciante da nossa praça sr. António Francisco Coentreiro.

— Os felizes pais e avós endearmos as nossas felicitações, com votos sinceros de longa e próspera vida para a recém-nascida.

CASAMENTO

— Na Igreja dos Anjos, em Lisboa, onde os pais da noiva casaram e ela foi baptizada, foi celebrado, no passado dia 23, o casamento da sr.^a D. Maria José Marques da Costa Rocheta, filha muito gentil do nosso querido amigo e ilustre conterrâneo, Dr. José Isidro Farrajota Rocheta e da sua esposa, a sr.^a D. Maria Luisa Cordeiro Marques da Costa Rocheta, com o sr. Francisco Bullosa, filho do conhecido industrial sr. Manuel Cordero Bullosa e da sr.^a D. Alice da Graça Pina Lopes Bullosa.

LUTO

Dr. Brito da Mana

De Paris, onde, como bolsheiro, está fazendo parte de um curso de assistência social frequentado por representantes dos mais diversos países (Afeganistão, Vietnã, Israel, Sudão, Turquia, Grécia, Polônia, Checoslováquia, Jugoslávia, Itália, Dinamarca, Holanda, Alemanha, Bélgica, França, Bélgica, Suíça, etc.), deu-nos o prazer das suas notícias, o nosso velho amigo e conterrâneo, Dr. Joaquim de Brito da Mana, ilustrado director da delegação do Instituto Maternal em Faro.

—

no Mando Feminino

Faleceu no dia 24 em Montecatini, estância termal do norte da Itália, o grande ditador da moda feminina Cristian Dior.

Durante 10 anos, este embaixador da moda, que era diplomado em Ciências Políticas, criou um nome e uma aureóla de fama, no mundo da alta costura, que só fora igualado pelo outro costureiro, também já falecido Jacques Fath.

Servidor de rainhas, princesas e milionárias os seus figurinos criaram renome mundial e proporcionaram-lhe aquela fama que, assegurava aos seus produtos, um preço especial por ser «Dior» e lhe permitiu conseguir uma organização comercial hoje ramificada por diversos países e que se dedica a vários ramos de acessórios femininos como meias, luvas, joias, perfumes e calçado.

CORAGEM MORAL!

Foram padrinhos, por parte da noiva, sua avó paterna, sr.^a D. Rosa de Brito Farrajota Rocheta e o avô materno do noivo sr. Coronel Francisco de Pina Esteves Lopes, antigo Ministro das Finanças.

Presidiu ao acto e celebrou Missa «Pro Sponso e Sponsa», o Rev. Padre Dr. Sezinando de Oliveira Rosa, nosso estimado compatriota e distintos Secretário Geral da Acção Católica, que, no final, dirigiu aos noivos uma brilhante alocução.

Durante a cerimónia ouviu-se ao órgão daquela igreja, alguns trechos de música alusiva ao acto.

Depois da cerimónia foi servido no luxuoso Hotel Aviz um finíssimo copo de água a mais de 300 convidados.

Aos noivos, merecedores da nossa mais viva simpatia, desejamos as maiores e mais duradouras felicidades.

— No preterido dia 13 de Outubro, realizou-se em Serpa, na Igreja de Santa Maria, o enlace matrimonial do nosso conterrâneo e prezado assinante sr. José Calçada da Silva, conceituado comerciante danosso praga, filho do sr. José Pedro Santos Silva (falecido) e da sr.^a D. Juliana Calçada da Silva, com a sr.^a D. Maria da Encarnação C. Palma, prendida filha do sr. António Baptista da Palma e da sr.^a D. Bárbara da Encarnação Costa Palma.

Apadrinharam o acto, por parte do noivo, seu irmão sr. António Calçada da Silva, considerado comerciante em Serpa e a sr.^a D. Maria José Costa Palma, professora oficial, e por parte da noiva a sr.^a D. Maria Joana de Oliveira Varela Crujo e o sr. José Francisco Cruz Crujo, proprietário.

Finda a cerimónia foi servido um fino «copo de água» em casa dos pais da noiva.

Ao novo casal endereçamos as nossas felicitações, com votos de uma vida conjugal plena de venturas.

Nascem daqui atitudes egoistas que dispensam todas as considerações.

A melhor maneira de proceder desses indivíduos, seria, para evitar o erro, procurar o esclarecimento da razão, para que a resposta, a quem de si se aproximassem, tivesse menos probabilidades de denunciar um índice baixo de sentimentos e cheio de acuções impróprias do género humano.

Não basta dizer, sim ou não, sem medir as consequências futuras.

(Continuação na 2.ª página)

Escutismo e Filatelia

Movimento de educação juvenil com larga expansão em todo o mundo, o Escutismo teve há pouco, no Jamboree realizado em Sutton Park, Inglaterra, a sua apoteose. Cerca de 500 rapazes, representando os sete milhões e meio que em 70 países do orbe envergam o mesmo uniforme, comemoraram festivamente o centenário do nascimento do fundador, lord Baden Powell of Gilwell, e o cinquentenário da primeira experiência prática escutista por aquele efectuada.

Muitos dos países onde o Escutismo atingiu maior desenvolvimento, associaram-se com entusiasmo às comemorações. Além das numerosas delegações enviadas ao Jamboree, fizeram emissões especiais de selos dedicadas ao acontecimento, as quais vêm enriquecer bastante a filatelia temática escutista, que já contava com elevado número de séries.

Desejando tornar mais conhecidos alguns desses selos, recentes e antigos, promove o Grupo N.º 60, de Vila Real de Santo António, da Associação dos Escuteiros de Portugal, uma Exposição Bibliográfica e de Filatelia Escutista, na qual, simultaneamente, poderão ser apreciadas muitas das publicações escutistas que circularam e circulam pelo mundo, algumas constituindo autênticas raridades da bibliografia do género.

A Exposição, que conta com o patrocínio do jornal «Sempre Pronto» e do Clube Filatélico de Portugal, decorre de 1 a 8 de Dezembro nas salas da Delegação do Clube Náutico de Portugal.

VENDE-SE

Uma propriedade sita em Vale Lobos (freguesia de Almancil) com figueiras, amendoeiras, alfarrobeiras e vinha.

Tratar na Sapataria Garrocho — Loulé.

Folhas de Férias

Impressos em modelo exigido

por Lei, vendem-se na

Gráfica Louletana

LOULÉ



FUTEBOL

NO ALGARVE

II DIVISAO

FARENSE, 3

ESTORIL, 1

Disputou-se no domingo a 7.ª Jornada do Campeonato Nacional da II Divisão, tendo o Farense recebido a visita do Estoril, ao qual venceu por 3 bolas a 1.

FARENSE — Isaúrindo; Reinaldo, Ventura e José Maria; Vieirinha e Bento; Armando, Francelino, Tarro, Rialito e José Bento.

ESTORIL — Brandão; Batalha, Albino e Fernando; Mota e Amaro; Rui Peixoto, Andrade, Martins e Uria.

O jogo desenvolveu-se nos dois meios campos notando-se, porém, da parte do Farense um maior domínio de bola e avançadas mais perigosas. Aos 18 minutos, Rialito, de longe, atirou às redes de Brandão que, dada a sua má colocação, não pôde evitar que o esférico transpusse a linha de goal, por alto, junto à trave. Aos 22 minutos Andrade igualou o marcador, para aos 39 minutos Armando, num potente ponta-pé, alterasse o marcador para 2 bolas a 1, resultando com que terminou a 1.ª parte.

No segundo tempo ambas as equipas procuraram modificar o resultado e só aos 38 minutos Francelino, recebendo um passe de Tarro anichou a bola nas redes do Estoril, vendo-se Armando a concluir esse tento.

Tarro, avançado-centro do Farense, há bastante tempo desejava, não correspondeu às expectativas do público, segundo se supõe, por se ter magoado num treino. Vamos ver se de futuro, procurará modificar a opinião formada pela maioria dos seus adeptos, o que se espera.

Não distinguimos nomes por julgar que todos eles cumpriram mal ou menos.

O Olhanense empatou no Montijo, 0-0, e o Portimonense perdeu em Évora com o Juventude por 2-1.

CLASSIFICAÇÃO GERAL

	J	V	E	D	P
Farense	7	6	—	1	12
Portimonense	7	5	—	2	10
Olhanense	7	4	1	2	9
Atletico	7	4	1	2	9
Montijo	7	3	2	2	8
Arroios	7	4	—	3	8
Desp. Beja	7	4	—	3	8
Coruchense	7	3	2	2	8
Juventude	7	2	3	2	7
F. C. Serpa	7	3	—	4	6
Montemor	7	2	1	4	5
Almada	7	1	1	5	3
Estoril	7	1	1	5	3
Portalegrense	7	2	2	5	2

JOGOS PARA DOMINGO

Arroios - Juventude, Almada-Montijo, Estoril-União de Monchique, OLHANENSE - Desportivo de Beja, Portalegrense-FARENSE, PORTIMONENSE - Atletico, e Serpa-Coruchense.

J. G.

Foi mantido o preço do álcool industrial

Um despacho do sr. ministro da Economia mantém para a nova campanha o preço do álcool industrial, puro e desnaturado, a saber: álcool puro, no depósito, 12\$25; no retalho, 12\$95; álcool desnaturado, no depósito, 10\$20; no retalho, 10\$90.

—

Emigração

Salvo algumas exceções, não pode ser passada autorização para emigrar a indivíduos de mais de 14 anos e menos de 35 que não possuam, pelo menos, o exame da 3.ª classe.

foi autorizada a lançar uma der

rama a Câmara Municipal de Faro

Para encargos hospitalares e respectiva assistência, foi autorizada a Câmara Municipal de Faro a lançar uma derrama, pela taxa de 4% aos contribuintes gerais do Estado do mesmo concelho, mas apenas por um ano e comutativamente com aquelas contribuições.

Loulé

Menos casamentos no ano de 1956

Estas filmagens que duraram quatro dias, terão a sua continuidade na CURIA, devendo técnicos e artistas regressar a Lisboa no final do corrente mês, afim de filmarem os interiores.

Tomarão parte nestas filmagens, além do protagonista ALVES BARBOSA, os artistas MARIA DULCE, ELITA MARTOS, ROSINDA ROSA, MÁRIO PEREIRA e CAMILA DE OLIVEIRA.

Seguiram também o Director de Produção ALBERTO RIBEIRO, o Chefe de Produção LUIZ MIRANDA, o operador JOÃO MOREIRA, e os técnicos TERESA MIRANDA, ANTÓNIO PIRRONI, AGUILAR DE OLIVEIRA, BOURDAINE DE MACEDO, AMÉRICO PATELA, VÍCTOR COSTA, além de figurantes e do pessoal auxiliar da TOBIS PORTUGUESA.

O HOMEM DO DIA

É o primeiro filme português de grande metragem filmado em MAGNASCOPÉ.

Não deixe de visitar o estabelecimento de

José Calçada da Silva

R. Vice-Almirante Cândido Reis
(Rua